

EU TÔ SÓ CALADO[1]: O BREGA COMO EXPRESSÃO CULTURAL E ARTÍSTICA DA CAPITAL PERNAMBUCANA – ENTRE ROMANCES E PASSINHOS

Thalles Henrique Batista dos Santos [2]
Esdras Carlos de Lima Oliveira[3]

Resumo
A partir de 2017 o brega se tornou uma das expressões artísticas e culturais do estado, através da norma nº 16.044/2017, possibilitando novos olhares sobre a cultura e garantindo ao estado e ao mercado novos horizontes. O ritmo ainda sofre muito preconceito. Parte desses preconceitos estão voltados às visões moralistas sobre o corpo, sexo e ostentação, porém não podemos simplificar esta cena musical apenas a isso. Nosso método de estudo partirá de uma analise documental baseada nos conceitos oriundos da historia cultural e de documentações jornalístico-midiáticas. Objetivamos expandir o conhecimento a respeito do tema e de musicalidade e performatividade brega. Por fim, é importante entender que a cultura e suas manifestações estão em constantes trocas e circularidades. Dessa maneira veremos o surgimento de um novo movimento corpóreo: o passinho dos malokas, que tomaram as periferias e expandiram-se para os demais bairros da capital e dando novos contornos e performatividade para uma das sonoridades mais tocadas na cidade.

Palavras-chave: Bregafunk. Passinho. Dança.

A cena do brega está em todo lugar. Seja em boates, casas de show, bairros nobres (não tradicionais)[4], subúrbios e áreas centrais. E esse fato é inegável, afinal sua musicalidade, seu som e, hoje, os seus passinhos[5] estão dialogando com a realidade da metrópole pernambucana. A respeito dessa realidade, que também é geográfica, ao analisar o mapa dos bairros e de região política administrativa (RPA) do Recife, especificamente, perceberemos que os bairros nobres tradicionais

[1] Nome da Música lançada pelos Mcs Shevchenko e Elloco no ano de 2019.
[2] Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e Colaborador do Programa de Extensão "Desvendando o Céu Austral: Ciência e Tecnologia para Inclusão Social. E-mail institucional: thalles.2018112310@unicap.br
[3] Doutor em História e pesquisador na linha de História e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia, mestre em História Social da Cultura Regional pela UFRPE, especialista em História das Artes e das Religiões pela UFRPE e licenciado em história pela UPE.
[4] Bairros onde a ascensão é mais recente (1990 – até hoje), como a área do Pina e de Boa Viagem contrapondo bairros nobres tradicionais como: Casa Forte, Poço, Santana, Graças etc.
[5] Refiro-me ao nome dado pelos agentes dessa cultura a uma sequencia de passos e movimentos de dança incorporados ao brega funk no final de 2018.



(Graças, Poço, Casa Forte etc) são circulados por bairros de classes menos abastadas economicamente, independente da RPA. Bairros periféricos como o Curado, Jardim São Paulo, Ibura, Brasília Teimosa, Santo Amaro, Joana Bezerra, Vasco da Gama e os Altos Santa Terezinha, Alto José Bonifácio, Bomba do Hemetério, Dois Unidos, Guabiraba etc, são bairros que fazem esse contorno e são neles que se produz, se divulga, se expande e, principalmente, se consome o Brega. Nestas localidades, aos finais de semana, encontramos diversos espaços que promovem esse consumo do brega, como por exemplo o Bom Sucesso Futebol Clube, N.B Society Club, Clube assistencial Esportivo Bela Vista, Clube Internacional do Recife, Arena Clube, Clube Metrópole entre outros.

Segundo Fábio Tenório, empresário da Banda Torpedo, em uma entrevista concedida à Globo News, tem-se hoje cerca de 400 artistas que vivem do brega e mais de 60 casas de shows espalhadas por toda região (GLOBO, 2019)[6]. Segundo Soares *(ibdem),* a geografia de Recife, com os bairros periféricos muito próximos aos nobres, permite que essa musicalidade atravesse e circule dentro dos espaços da classe média.

> Praias, parques ou no centro da cidade, acaba sendo tocada por essas sonoridades que chegam do brega. E que chegam da periferia. Então, é essa geografia do Recife que faz com que essa classe média recifense comece também a ouvir esse tipo de música" *(ibdem)*

A partir do ano de 2017, o brega recifense se tornou, oficialmente, uma das expressões artísticas e culturais de Pernambuco através da Lei nº 16.044/2017[7]. O estado ganha em ampliar essa perspectiva sobre a cultura, assim como o mercado. A proposta de lei do então deputado estadual Edilson Silva (há época do PSOL) incluiu o Brega recifense como uma das expressões artísticas originaria do estado, fazendo com que o gênero brega ganhasse espaço garantido dentro dos eventos e shows custeados pelo Governo de Pernambuco. O projeto surgiu após o ritmo ser

[6] Entrevista e Matéria disponível em: < https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2018/10/26/brega-pernambucano-e-tema-de-documentario-da-globonews.ghtml >

[7] A matéria altera a Lei nº 14.679/2012 e inclui o brega na lista de manifestações artísticas com espaço garantido na programação de eventos custeados pelo Estado. Com a nova regra, apresentações de brega poderão receber recursos da parcela, reservada a manifestações pernambucanas, de 60% dos repasses do Estado destinados ao financiamento de atividades culturais nos municípios (DIARIO OFICIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 19/08/2017).



excluído dos palcos do carnaval de 2017 sob justificativa da Fundarpe e da Secretaria Estadual de Cultura de que não seria um gênero adequado e/ou característico do período. O deputado questionou a posição das entidades e levantou a discussão a respeito de "lutar contra o preconceito do brega por conta de uma suposta "pornofonia" que seria inerente ao seu ritmo" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 21/08/2017).

Este cenário foi comemorado por Mc Pato Problema: "A lei diz que o brega é cultura, então lança nós. Lança nós do lado de Alceu Valença no Marco Zero lotado para você ver pegar fogo de vez, do jeito que você nunca viu. Nós é forte e nós tem história para contar." (*ibdem)*

"O brega ainda sofre preconceitos, atualmente muito menos do que antes. Mas, no fundo, todo mundo ama a música brega." (ALEPE, 18/08/17)[8]. A afirmação é do "príncipe do brega", Kelvis Duran, ao referir-se a proposta de lei do deputado Edilson Silva aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. É evidente um preconceito existente em uma parcela da população que acusa o gênero de trazer apenas machismo, homofobia, sexo, entre outras coisas. Mas, não podemos resumir de forma tão simplista o que representa a estética do brega. Segundo Trotta (apud Oliveira, 2017):

> Os comportamentos sexuais e as negociações em torno da sexualidade falada, cantada, vista, ouvida e experimentada encontram na música popular um terreno propicio para seus enfrentamentos e disputas, que se manifestam através do gosto por este ou aquele gênero e pelo rechaço (que é uma manifestação de gosto) a outros.

Agora, outro ponto, também fundamental, é que o que faz essa musicalidade ser uma forma de manifestação cultural não é meramente a lei sancionada. Como aponta Duca do Baixo, músico e produtor:

> Cultura é a essência do povo, seus costumes [...] Quero deixar um recado pro governo: nós não passamos a ser cultura a partir do momento que fizeram essa lei ai, que não quero nem saber quando foi. Não passamos a ser cultura daquela data. Acho que se voltar pros barcos que vieram os portugueses já tinha gente lá cantando

[8] Disponível em: <http://www.alepe.pe.gov.br/2017/08/18/brega-e-reconhecido-como-expressao-cultural-pernambucana/>



> brega. Não é lei, data nem festa que válida ou cria. Nasce naturalmente com o povo (REVISTA VICE, 15 de maio de 2018).

Assim sendo, devemos compreender que a estética do ritmo pode representar um amplo contexto social e geográfico em que os seus agentes, sejam eles consumidores ou produtores, estão inseridos. Devemos entender que o fenômeno pode ser compreendido como algo que vai além de um estilo musical. Podemos entendê-lo como um movimento identitário da periferia, sendo um meio de socialização, de trocas, de interações e da participação do povo. Os próprios "bregueiros"[9] tem a mesma origem dos agentes consumidores, havendo uma relação de proximidade ainda maior. Devemos questionar olhares moralistas que vê no brega apenas sexo etc, temos que considerar uma gama de questões da vida na periferia.

Como também aponta Oliveira (2007):

> O sucesso do bregafunk, talvez, represente o modo uma mudança de gosto, para parte dos jovens [...] e de outros que dialogam de modo mais próximo ao contexto social deste grupo, como os vários gêneros do funk, por exemplo, ou ritmos musicais que tratem o sexo de modo mais explícito, seja nas letras ou na dança, como o próprio funk, mas também a swingueira.

Além disso, as discriminações e afirmações – citadas anteriormente - também estão presentes em outras expressões artístico-culturais, como nas músicas "A perereca da vizinha"; "O teu cabelo não nega"; ou até mesmo em outras expressões também pernambucanas como o Coco de Dona Selma "A rolinha" e, ainda, em música consagradas da MPB (Musica Popular Brasileira) e nem por isso elas foram censuradas ou discriminadas pela sociedade por conta do duplo sentido trazido em algumas dessas letras.

O termo brega e sua linguística:

Quando classificamos algo como brega, associamos a algo ruim, cafona, algo deselegante ou nem um pouco relevante/interessante. A roupa brega é aquela que não está na moda; é aquela que é feia e, sobretudo, não é chique. É neste sentido

[9] Neste caso, nos referirmos especificamente aos cantores do brega, mas é valido pontuar que o uso deste adjetivo também se enquadra aos consumidores.



em que a música brega entra como algo de péssima qualidade ou tecnicamente ruim. A popularização desse termo se deu ainda no final da década de 80 com a veiculação da novela “Brega e Chique” da Rede Globo de Televisão no ano de 1987, mostrando uma dicotomia no modo de viver, entre o brega e o chique. Dessa forma, constitui-se que o brega é oposto ao chique; seria tudo o que estivesse fora dos padrões estéticos e, também neste caso, musicais.

Esse estilo musical traz consigo em suas letras formas de falar e de agir; Trazendo muitas vezes novos signos linguísticos que se popularizam rapidamente com auxílio da internet e de páginas como “Brega Bregoso” que criam *memes* e compartilham as novidades desta cena musical. Quando pensamos em dialeto, voltamos a uma parte mais restrita da linguagem voltada a uma comunidade linguística e é neste ponto que podemos destacar o brega e suas palavras, gírias etc, como por exemplo a expressão “Faz o teu bença”; “Ta com um caramba”; “Fuleragem do caramba, vei” entre outros. Temos uma sequência de registros e marcas linguísticas advindas dessa estética sonora. Alguns termos também foram resinificados como por exemplo “bebê”, que na linguagem do brega se refere a uma paquera, a um namorado (a) ou ficante[10], perdendo o significado de uma criança recém nascida. O uso dessas expressões e trejeitos físicos ajuda a construir o *habitus*, na acepção trazida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, pode entendido da seguinte maneira:

> O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas — o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferente sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro." [11]

[10] “Diz-se da moça ou rapaz que mantém um relacionamento super liberal e sem qualquer compromisso com uma pessoa do sexo oposto” (DICIONÁRIO INFORMAL).
[11] BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996. (p.22).



Todas essas marcas são interessantes, demarcam uma identidade e um modo de ser, constituindo a partir do comportamento um campo musical e do mundo dança atrelado a um público específico. Assim, a questão dessas expressões demonstra linguagem mais delimitada, mais marcada e mais própria de um determinado espaço geográfico e social, associado a algumas comunidades recifenses.

As estéticas do brega

É importante ressaltarmos que existem bregas dentro do brega: estilos diferentes pertencentes a uma mesma expressão e estética. Tem-se o brega romântico, inspirado pela jovem guarda e com grandes expoentes como Reginaldo Rossi, considerado o rei do brega, Augusto César, Adilson Ramos, O conde da banda Só Brega entre outros. Abordando uma temática mais romântica, traições, amores, dor de cotovelo, perdas e paixões, vide as músicas de Reginaldo Rossi. [12]

É estética que se desenvolveu o que podemos chamar de primeira fase do brega recifense. E, vale a pensa ressaltar, essa estética ainda é bastante presente pela cidade, trazendo consigo um saudosismo e relembrando romances passados. Onde, Velôzo (2011) encara como: “uma representação de parte do patrimônio afetivo de grandes contingentes das camadas populares”.

Já na primeira década do ano 2000, surgiu o bregapop que deu origem a diversas bandas como Ovelha Negra, Kelvis Duran, Banda Metade, Kitara, Swing do Amor etc, trazendo temáticas que também eram voltadas ao amor, traições e paixões, sendo abordadas de forma mais melodramáticas, com influências advindas do Belém do Pará, influências do Axé e do forró estilizado. O bregapop trouxe também atos sexuais endossados por suas coreografias e vestimentas, teve auge com os shows em clubes periféricos e depois com a participação dessas bandas em programas de auditório, junto com a venda de CD’s e DVD’s pelos camelôs no centro da cidade.

O bregafunk, outra faceta do estilo, é ligada a vivência e ao contexto das periferias do Recife e de sua RMR, ou como pontuou MC Elloco: “O bregafunk é a voz dos inaláveis.” (REVISTA VICE, 15/05/2018). Segundo Oliveira (2017), o brega

[12] Músicas como “Raposa e as Uvas” (1982), “Garçom” (1987), “Leviana” (1966) se encaixam nesta temática.



funk utilizou dos mesmos espaços de onde o bregapop surgiu, porém suas influencias são distintas. O bregafunk tem conexões que vão do funk carioca ao funk ostentação paulistano. No primeiro momento, mais próximo do funk carioca, com letras que evidenciam o trinômio: sexo, putaria e festa, onde foi crescente a popularização da expressão "novinha" no Estado, termo este usado para representar mulheres menores de idade.

Com músicas cada vez mais sexualizadas e com uma carga maior da temática putaria, os MCs criaram, através destes discursos e deste movimento, no imagético, um perfil ideal de homem: "pegador de novinha" e que vive naquele trinômio supracitado. Músicas como "Vem novinha tomar toddynho", dos MCs Sheldon e Boco, com os versos "se é para pegar novinha eu vou preso satisfeito (...) As de 14 eu to fora / as de 15 é muito nova / 16 já tá na hora / 17 eu vou agora" e a música "Big Brother" do Mc Shevchenko e Elloco com o verso "Se dormir vai tomar dormindo" em alusão ao caso de estupro ocorrido no BBB12 foram sucesso nas periferias e ao mesmo tempo alvo de muitas críticas por insinuarem estupros, o que levou o Ministério Publico a denunciar os MCs por apologia ao crime.[13]

Depois destas prisões e denúncias, envolvendo meninas menores de idade e drogas, o bregafunk, que segundo Oliveira (2017) tem como faixa etária de fãs entre 12 a 25 anos, passou por um movimento de transformação trazendo uma inspiração voltada para o funk ostentação paulistano, tentando se desvincular-se daquela visão do bregafunk como uma cultura violenta e criminosa. Como pontuou Shevchenko: "O brega tava só putaria, putaria e putaria. Até que chegou um tempo que a polícia bateu em cima do movimento da gente. Foi quando nós entrou com a ostentação e graças a Deus foi onde mudou o nosso movimento." (REVISTA VICE, 15/05/2018).

A partir disto, a estilística do bregafunk se reconfigurou, passando a abordar uma temática mais suave, sensual, com adesão a ostentação e com ritmos diferentes, com batidas mais lentas do que as tocadas anteriormente. Onde, o MC também pontua: "Mudou pra melhor. Virou sucessso justamente porque falava do que a gente tinha e do queria ter um dia. Era a música dos sonhos" (*ibdem).*

Hoje, entendemos que o mercado do Bregafunk está bem estruturado no Estado e expandindo-se por todo o país com parcerias e auxilio das redes sociais e

[13] Mais detalhes sobre esse processo e a visão do feminino ver o artigo "'Nóis gosta de novinha: a representação do feminino no bregafunk recifense" (OLIVEIRA, E. C. L.).



da internet, e, portanto, consegue movimentar dinheiro e fazer a economia local rodar, garantindo empregos a estilistas, produtores, gravadoras, fotógrafos e outros empregos indiretos, além de servir como potencializador do comércio de alimentos, bebidas e afins

O passinho dos malokas: nova forma corpórea que revolucionou a cena do bregafunk.

Os símbolos se transformam, circulam, se alteram. Estas mudanças permitem a continuidade nos novos tempos de internet. É neste sentido que podemos encarar as transformações e repaginadas do brega recifense que passou de uma influência da jovem guarda para o funk ostentação. E caminhando ainda neste sentido é que podemos perceber o movimento do Passinho, vinculado ao bregafunk, como uma nova repaginada que garante e dá mais vida/folego ao brega recifense.

O "passinho dos malokas", como vem sendo chamado esse fenômeno que está revolucionando a cena do brega, está se expandindo pelas ruas da região metropolitana do Recife, onde é crescente o encontro de grupos uniformizados que dançam coreografias ao som do bregafunk, da mesma forma que está proporcionando o surgimento de novos influenciadores digitais, produtores, festas, MC's e, principalmente, novos grupos de dança.

Faz-se necessário pontuarmos que a dança[14] pode proporcionar ao indivíduo o desenvolvimento de expressão e comunicação, além de conhecimentos sobre si, sobre o outro, fazendo exploração do espaço - seu meio -, estabelecendo relações sobre o universo social e cultural. A linguagem corporal para cada pessoa é particularmente única, cada um tem sua identidade, sua característica e sua cultura que é expressa através do movimento ligado a estímulos exteriores produzindo comunicação.

O passinho recifense, ao contrário do passinho carioca – onde a dança consiste na movimentação rápida das pernas e do quadril – aposta na movimentação dos braços e da região da virilha simulando atos sexuais. Puxadas, sarradas, ombrinhos são elementos que foram trazidos e readaptados do funk

[14] A dança é uma expressão do corpo, uma linguagem que está na essência do ser humano, sendo uma das formas de humanização e característica própria dos humanos. Desse modo, a dança expõe as marcas e memórias que ela carrega desse corpo ao longo do tempo (SILVA e SOUSA, 2015).



carioca, swingueira e do próprio bregafunk tradicional. Reafirmando, com a criação dessa performatividade sobre o passinho recifense a constituição de um *habitus* conectado com a música brega contemporânea pernambucana.

Não podemos apontar quem foi o responsável por dar início ao movimento, os próprios integrantes não sabem apontar quem que começou com esta revolução na cena do bregafunk. Não obstante a isso, a grande maioria dos participantes e dos consumidores escolheram a música Gera bactéria, dos MCs Shevchenko e Elloco, lançada em agosto de 2018 e com mais de 4 milhões de visualizações no Youtube. “Esse passinho é novo e nasceu na favela / Nós manda embrazado, lá dentro do brega" diz parte da letra da música citada. A dupla de MCs – tradicionais da cena do bregafunk – iniciou a tendência de colocar os malokas[15] para dançarem o passinho em clipes e desde então outros MCs também aderiram ao estilo. O vídeo citado é marcado pelo cenário da periferia e pelos meninos do passinho - com roupas que lembram os uniformes das torcidas organizadas -em primeiro plano, isto é, com o foco na dança do grupo, ao som dos MC’s e com um movimento de câmera que favorece toda essa perspectiva e tendência, encontrando na internet um grande vetor para “viralização” dessa estética e da performance do passinho.

A solidificação veio através do clipe da música “Barulho da Kikada” dos MCs recém-chegados Niago e Seltinho, onde, ao som da letra “Ta, ta, ta/ Ta, ta, ta / É o barulho que ela faz / Quando começa a kikar”, o grupo de dança Magnatas do Passinho (de Santo Amaro), que aparece em primeiro plano, galgou o viral nas redes sociais, levando sucesso e fama ao grupo que alcançou cerca de 13 milhões de visualizações. A coreografia com tapinhas no rosto e movimentação do quadril foi repercutida por outros canais de dança e foi além da cena do brega, entrando na cena do forró, nos repertórios de Wesley Safadão e Gabriel Diniz. "A gente assistia vídeos dos malokas de São Paulo dançando na internet. Sempre andamos juntos, então decidimos dançar esses brega-funks. Trabalhamos os passos sempre de acordo com batidas e refrãos" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10/01/19), pontua um dos integrantes do grupo de Santo Amaro.

[15] Apelido para Maloqueiro, isto é, um jovem de periferia que anda vagando pelas ruas.





Imagem 1: Passinho dos Maloka S.A são os responsáveis pela coreografia de Barulho da Kikada. Foto: Rafael Reynaux/OP9

O movimento do passinho ganhou o público de tal maneira que começaram a marcar encontros de grupos. Desde outubro, com o evento organizado pelos Magnatas, denominado de “Primeiro encontro do passinho”, no parque 13 de Maio, encontros e competições ganharam as ruas do Centro e comumente se vê grupos dançando, gravando e disputando entre si não somente nas comunidades e favelas, mas também em espaços públicos mais centralizados e com um maior fluxo de pessoas como o Marco Zero do Recife, Parque da Jaqueira, Graças, Avenida Beira Rio e Farol de Olinda.

Em meio a tudo isso, com a alta adesão ao movimento, não é difícil encontrar nas redes sociais pessoas que criticam duramente os grupos de dança e as pessoas que o integram. É fácil ler comentários e xingamentos nas publicações do Youtube e do Instagram que envolvem o passinho e o bregafunk; comentários como “Nenhum destes tem ensino médio completo”, “Cultura de Idiotas” escreveu um usuário no Youtube; “Tem gente que ainda acredita no Brasil” pontuou outro internauta, “Só se unem para fazer arrastões pelo Recife” etc.[16] E, dessa forma, existem pessoas que

[16] A deputada Clarissa Tércio (PSC), integrante da bancada evangélica na Assembleia Legislativa de Pernambuco, propôs um projeto de Lei Ordinária que busca proibir no ambiente escolar a realização de danças cujas coreografias sejam “obscenas, pornográficas, ou que exponha a criança a uma erotização”. Em defesa e divulgação do projeto - apelidado de “PL do Passinho” – a deputada veiculou em suas redes sociais um vídeo onde explicava, justificava e demonstrava a “dança obscena, que simula atos sexuais” com vídeos de crianças dançando o passinho em escolas



usam do preconceito como motivador para debates a respeito do que é ou não é cultura. Um debate já superado pela academia, mas que chega defasado às escolas e reflete na vida cotidiana e nos preconceitos carregados por seus agentes. A pergunta que nos cabe fazer e refletir é: O preconceito só chegou as meninas e meninos do passinho por serem originários das periferias?[17] O MC Elloco, em entrevista ao Diario de Pernambuco, sobre a importância do movimento afirmou:

> Pouca gente representa a favela, as comunidades, as minorias e as pessoas de baixa renda. Pessoas que, tipo assim, não podem ir para um shopping ou alugar alguma coisa diferente para se divertir. Ai a gente vai para um local público, vai dançar, cantar, meter o passinho. Vai ter de tudo: crianças, mulher, gay, vai tudo. É uma união mesmo. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 19/01/2019).

Na mesma linha, o dançarino do grupo Os Magnata do Passinho S.A e influenciador digital Artur Borges defendeu:

> É tudo em torno da dança, em torno da paz. A gente faz encontro para isso, para todas as comunidades se unam em um só prol: a dança. Não entendo o porquê o bairro nobre e as outras pessoas criticam a gente da comunidade. O passinho é cultura sim! Então respeita a minha fé que eu respeito o teu axé" (*ibdem)*

Merleau-Ponty, Daolio (2000, p. 39) comenta que "o homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação". É dessa forma que o movimento vai crescendo, agregando e assimilando valores e lutas corriqueiras da vida em comunidade, juntamente com todas suas contradições e problemas sociais. O

---

públicas. Para acesso ao PL, ver: http://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=4966&tipoprop=p

[17] Processo similar acontece com os bailes funks cariocas e com a cena do samba. Estas manifestações musicais, originárias da cultura negra e da periferia sempre sofreram perseguições e até mesmo censuras. Algumas pessoas classificam o funk como "falsa cultura" e acusam os bailes de serem locais para recrutamento de pessoas para a criminalidade, tudo isso foi posto em uma proposta de lei encaminhada ao Senado (através do E-cidadania) que alcançou cerca de 22 mil assinaturas eletrônicas e foi à tramite na casa legislativa. Porém foi rejeitada pela comissão de constituição e justiça. A perseguição ao funk e aos bailes surgiu ainda no começo da década de 80, onde houveram diversas tentativas de enquadra-lo como crime. Na década de 90, o município do Rio de Janeiro instaurou uma CPI para investigar uma suposta ligação do funk com o tráfico de drogas e armas, alguns anos depois o Estado do Rio de Janeiro também abriu uma CPI para investigar os bailes sob a perspectiva da violência, das drogas e da criminalidade. Para além, ver: de Salles, Écio. Funk, samba e a produção do comum: diálogos, sons, interações. *E-Compós*, *8*. https://doi.org/10.30962/ec.148



passinho dos malokas aparece na cena do bregafunk como uma alternativa à criminalidade. Segundo o MC Biel Xcamoso: "[o passinho] tirou muitos moleques das drogas e agora não querem nem saber de drogas, só quer saber agora em meter o passinho e arrumar seu bonde, pegar o celular e meter o passinho" (*ibdem)*. Ainda, segundo depoimentos nas redes sociais, é comum relatos de pessoas que saíram das drogas e agora se dedicam a dança do passinho e a influência digital.

Tudo isso pode parecer não muito rentável, mas um artigo e documentário produzido pelo G1 trouxeram à tona a realidade do mercado financeiro em volta do bregafunk e dos dançarinos de passinho. Como já posto neste artigo, existem cerca de 60 casas de shows espalhadas pela região metropolitana que promovem diversos shows com diversos nomes da cena do brega. O documentário do G1[18] expõe que alguns artistas chegam a faturar quase 60 mil reais em um final de semana.

> Já o cantor Nedved cobra de R$ 1,5 mil a R$ 3,5 mil por show, e tem uma média de cinco apresentações por semana. Outro MC, Vitinho Polêmico, chega a cobrar R$ 4 mil e está com a agenda lotada: média de 15 shows por fim de semana (G1, 10/08/19)

Além destes MC's, alguns dançarinos, ainda segundo o documentário, são contratados e tem sua carteira assinada pelos MC's e recebem um salário fixo e gozam dos demais direitos previstos na CLT. Ademais, os dançarinos, produtores e os próprios cantores do brega conseguem, com seu sucesso e crescente número de seguidores, receber patrocínio de marcas de roupas, sapatos, perfumes etc em troca de divulgação via Instagram.

Considerações finais:

É nesse sentido que podemos reconhecer a cena do brega como um enorme ambiente tático, geográfico, político, financeiro e social. O brega traz uma mistura entre a visibilidade e a invisibilidade. Entre os problemas sociais e os sucessos financeiros. O Estado – enquanto poder – apropria-se da cena e traz para si a responsabilidade para gerir alguns eventos e financiamentos, além da imagem

[18] Disponível em: < https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/08/10/mcs-e-dancarinos-transformam-brega-funk-e-passinho-em-negocio-rentavel.ghtml>



que a cena representa, com a finalidade de ganhar em cima da música, da mesma forma que também acontece com a cena do Manguebeat.

A imagem estereotipada do jovem da periferia, como maloqueiro e marginal – no sentido pejorativo - vem sendo combatida pelos próprios jovens periféricos. Sabemos que é mais comum uma cultura ou manifestação cultural ser mais aceita quando setores mais abastados da sociedade se apropriam, havendo dificuldade quando isso não acontece. Contudo, o movimento do passinho dos malokas, enquanto identidade cultural, não precisa que essa apropriação aconteça. Ele consegue ser autossuficiente agregando os jovens de comunidades com auxilio das redes sociais.

O Estado já percebeu todo esse contexto. A mídia segue a mesma lógica e investe cada vez mais nessa apropriação, publicando diversas matérias, artigos e produzindo documentários para exibição local e nacional, na tentativa de corroborar com o discurso do Estado, atraindo os agentes ativos e passivos da cena e participando de forma direta no movimento do brega.

Referências

SOARES, Tiago. **“Ninguém é perfeito e a vida é assim”: a música brega em Pernambuco.** Recife: Outros Críticos, 2017.

O brega de recife rompe limites da periferia. O globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/brega-de-recife-rompe-limites-da-periferia-10668853> Acesso em: 03/05/2019.

Recife, a ‘Capital do Brega’. Globo News. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LymUr7_SVac> Acesso em: 03/05/2019.

OLIVEIRA, E. C. L. **'Nóis gosta de novinha': a representação do feminino no bregafunk recifense.** In: XXIX Simpósio Nacional de História - 'Contra os Preconceitos: História e Democracia', 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História -. Brasília: Anpuh, 2017. p. 01-16.

CURSINO, Mariana Gonçalves. **"O que as novinhas quer? Descer até o chão". Divulgação do espetáculo brega recifense: entre invisibilidade e erotização, a mulher objeto.** Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/656/835> Acesso em: 27/04/2019.



VELÔZO, Paula. **O brega, os meios e as novas tecnologias.** Disponível em: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0450-1.pdf> Acesso em: 03/05/2019.

Agora é oficial: Lei torna o brega expressão cultural de Pernambuco. Diário de Pernambuco. Disponível em: < https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/08/21/internas_viver, 718738/agora-e-oficial-lei-torna-o-brega-expressao-cultural-de-pernambuco.shtml> Acesso em: 28/04/2019.

Brega pernambucano é tema de documentário da GloboNews. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2018/10/26/brega-pernambucano-e-tema-de-documentario-da-globonews.ghtml> Acesso em: 21/05/2019.

Conheça o passinho dos maloka de Recife<https://kondzilla.com/conheca-o-passinho-dos-maloka-de-recife/> Acesso em 21/05/2019.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife. Prefeitura do Recife. Disponível em: <https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/mapas.html> Acesso em: 21/05/2019.

MCs e dançarinos transformam brega-funk e 'passinho' em negócio rentável. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/08/10/mcs-e-dancarinos-transformam-brega-funk-e-passinho-em-negocio-rentavel.ghtml> Acesso em 12/08/2019

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais** Gerais para a Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf

BRASILEIRO, Lívia Tenório. MARCASSA, Luciana Pedrosa. **Linguagem do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança**. p. 197 e 201. Pro-posições, v. 19, n. 3 (57) – set./dez. 2008.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Barbara Cristina Silva de; SANTANA, Claudiane Angélica de**. A DANÇA COMO LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL.** Trabalho de Conclusão de Curso, Recife, 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Parâmetros Curriculares de Pernambuco** (PCPE), 2013. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=36&art=1047



SILVA, Joane Silva da; SOUSA, Celita Maria Paes de. **DANÇA, CORPO E MOVIMENTO: FORMAS DE EXPRESSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** XII Congresso Nacional De Educação. Curitiba, 2015.

STOKOE, P., HARF, R. **Expressão corporal na pré-escola**. Trad. B. A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1987.

SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e educação**. Caderno Cedes. Campinas, v. 19, n. 48, p.5 – 108, 1999.